

# Analise sobre os discursos de violência nas periferias urbanas de Cartagena (Colômbia)

## Uma pornografia da violência?

ENERO - JUNIO 2017

261

IMEDIACIONES

► WILLIAM ÁLVAREZ

williamlogia@gmail.com - Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (DS/UFSCar), Brasil

Fecha de recepción: 6 de marzo de 2017

Fecha de aceptación: 15 de mayo de 2017

### RESUMO

Este artigo é um experimento metodológico que tem como objetivo ajudar na construção de um objeto de pesquisa sociológica. Aqui são analisados cinco anos de artigos de imprensa sobre gangues que operam principalmente na periferia urbana pobre da cidade de Cartagena. Com este processo, queremos estabelecer os principais discursos sociais, público e da mídia que existem em torno do surgimento desses gangues como fenômeno social violento. Processo da mídia que por sua vez está produzindo um sistema visual que eu descrevo aqui como uma pornografia da violência.

**PALAVRAS CHAVE:** *gangue, violência urbana, discurso, bairro, vida precária.*

### RESUMEN

Este artículo es un experimento metodológico que tiene como fin ayudar en la construcción de un objeto de investigación sociológica. Aquí se analizan cinco años de artículos periodísticos sobre pandillas que actúan principalmente en las periferias urbanas pobres de la ciudad de Cartagena. Con este proceso, se quiere establecer los principales discursos sociales, públicos y mediáticos que existen alrededor de la emergencia de estas pandillas como fenómeno social violento. Proceso mediático que a su vez está produciendo un régimen visual al que describo aquí como una pornografía de la violencia.

**PALABRAS CLAVE:** *pandillas, violencia urbana, discursos, barrio, vida precaria.*

## INTRODUÇÃO

12: 45 Pm. El bus me ha dejado en la avenida Pedro de Heredia, justo al costado de la plaza de toros. Debía caminar 5 calles hasta llegar a la fundación Granitos de Paz. Había un duro sol de mediodía y poca gente caminando por los pasajes del complejo deportivo. Tres jóvenes conversaban junto a la entrada del estadio de béisbol, otro chico en silla de ruedas con alguna discapacidad mental me hacía señas para que fuera donde él, no lo hice. A medida que avanzaba dentro del barrio era más notorio el matiz étnico de su población. Caminaba por el costado de la piscina olímpica observando el escenario, a su costado hay una vía que conecta la avenida Pedro de Heredia con el barrio Olaya Herrera, es una carretera, pero me parece más una frontera. Al otro lado de la calle hay una escuela pública, pero en ese momento todos están de vacaciones. Al retomar mi rumbo escuché fuertes pasos y cuando giré para ver qué sucedía, ya tenía tres jóvenes de entre 12-14 años, delgados y negros atrás de mí. Su tamaño no me intimidó, sino la violencia desmedida y la agresividad que brillaba en sus ojos. Rodeado por ellos, el chico más agresivo sostenía un cuchillo filoso en la mano derecha, su rostro se veía nervioso, capaz de hacer lo que fuera si el momento ameritaba, los otros niños esculcaban mis bolsillos, sacaron mi billetera y celular. Cuando me quité y di a ellos la mochila que portaba, se fueron corriendo a un costado de la vía que era resguardado por árboles y una cuesta empinada que me impidió observar su ruta de huida. De la misma forma como me sucedió el primer día al mudarme al barrio donde hice mi investigación de maestría en Quito, hoy, en medio de una angustia existencial, me hago la misma pregunta: ¿Qué demonios estoy haciendo en este lugar? El miedo es un buen signo, el día de hoy sin desearlo he confirmado mi hipótesis de doctorado... Ahora solo necesito de más etnografía.

Nota de campo, Dezembro 13, 2013

O artigo que vocês vão ler a continuação, é uma reflexão e aproximação teórico-metodológico experimental para eu entender de forma visual e por meio na narrativa jornalística, outras formas de abordar um território, os atores, o contexto, as micro historias e dados da vida quotidiana da violência urbana, com o qual construir, delimitar e aprofundar a minha pesquisa doutoral<sup>1</sup>. Pelo tanto, a produção deste texto serve me, no entanto este longe da cidade de Cartagena, para pensar o futuro e de melhor jeito a forma como preciso construir minhas estratégias de pesquisa e conhecer a realidade cotidiana do bairro Olaya Herrera a partir das narrativas jornalistas, uma tentativa de fazer um tipo de etnografia da violência urbana desde as crônicas, artigos, aconteceres e visualidade do principal jornal (*El Universal*<sup>2</sup>) de Cartagena, usando algumas notas

1 O projeto doutoral tem por nome: *Muralhas raciais: segregação sócio espacial, marginalidade e sobrevivência em um bairro afro-descendente de Cartagena-Colômbia*. Esta pesquisa tem como objetivo principal fazer uma análise sociológica da formação étnico/racial e estrutural da desigualdade urbana que se vive em um bairro de Cartagena (Colômbia), habitado em sua maioria por afrodescendentes (negros). Historicamente a cidade foi atravessando um processo de segregação urbana e étnica que deslocou às periferias urbanas a maioria da população afro-descendente. Esta pesquisa pretende explorar como a violência estrutural e o Estado racial se representam na cotidianidade e nas estratégias de sobrevivência de um grupo de jovens afrodescendentes, bem como sua relação com as práticas econômicas ilegais e informais.

2 Principal jornal da cidade iniciou em 1948 e se autocalifica como um meio de comunicação de informação geral, plural e democrático. É acessível no link: [www.eluniversl.com.co](http://www.eluniversl.com.co)

de campo feitas em 2013<sup>3</sup>. Aliás, o propósito desta pesquisa histórica tentou usando as narrativas jornalísticas, foi feita com a intenção de estabelecer uma geografia da violência, atores e especialmente ganhar confiança para a futura observação participante no bairro.

Para conseguir este propósito, fiz uma pesquisa de arquivo virtual e física fazendo um seguimento das notícias relacionadas com a violência nas periferias gangues na cidade. Nesta pesquisa encontrei 42 artigos escritos desde 2009 até o presente ano (2014). Mas, os anos de pico de produção dessas notícias foram em 2012 com uma quantidade de 18 artigos, e em 2013 como um total de 16 artigos. Isto é muito importante de considerar porque é a partir do ano 2012 que o problema local da violência urbana e as gangues na cidade tornou-se nacional.

Então, para ter uma visão muito mais ampla sobre a violência urbana em Cartagena considero que a revisão de artigos jornalísticos é uma fonte de informação importante para reconstruir as histórias, vozes, mas especialmente, os discursos públicos e institucionais das pessoas que participam ou são vítimas da violência urbana. Para compreender esse processo, faço uso da metodologia dos estudos críticos do discurso, a qual diz: “Hereby theory is not only essential to formulate research question that guide the data selection, data collection, analysis of data and interpretation. It should also be grounded in prior interpretation of empirical analyses” (Wodak & Meyer, 2016, p. 14).

A citação acima é importante porque continua outra anterior:

In CDS (critical discourse studies), as in all social research, theory, methods and analysis are closely interrelated, and decisions about the one affect the others. Data, i.e. in the case of discourses and texts, are never theory-neutral. Which data are collected and how they are interpreted depends on the theoretical perspective. Theories, concepts and empirical indicators are systematically related: in theories, we link concepts, e.g. by functional or casual relationships. To observe and operationalize these concepts, we use empirical indicators (Gilbert, 2008, p. 22).

Os indicadores empíricos neste ensaio é o jornal e minhas notas de campo. Portanto, minha intenção aqui procura estabelecer pontes de análise entre o empírico (narrativas da violência) e conceitos como a *economia moral* (Thompson, 1984), *estado de exceção* (Agambem, 2004) e *fronteiras de violência* (Das, 1999). Categorias as quais considero ferramentas úteis para entender, interpretar e explicar o que acontece tanto dentro como fora das periferias urbanas de Cartagena, usando para este propósito a mediação do discurso mediático e sua construção semântica da violência.

A continuação, vou a estruturar o ensaio da seguinte forma: no primeiro capítulo descreve-se a configuração social, territorial e étnica do bairro, esta-

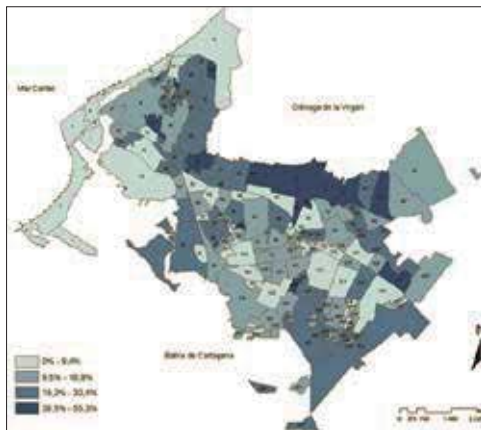
<sup>3</sup> Devo aclarar que a etnografia desta pesquisa iniciou a finais do ano 2013, para logo ser retomada irregularmente a meados de 2014 (um mês) e 2015 (7 meses), com um intenso trabalho de campo, até morar no lugar da pesquisa em 2016 (um mês). No obstante, ter concluído o cronograma de pesquisa, ainda continuo visitando a cidade e o bairro, além de manter uma comunicação regular com os atores principais da pesquisa por meios virtuais.

belecendo quais são as suas problemáticas conflitivas e urbanas. No segundo capítulo, se identificam e aprofunda em 4 tipos de discursos sobre a violência e os violentos no jornal *El Universal*. No último, faço uma proposta de análise teórica sobre esses discursos e termino com as conclusões.

## O PROBLEMA E O ESPAÇO SOCIAL DAS PERIFÉRIAS URBANAS

Antes de entrar em análise dos artigos jornalísticos e as estatísticas sobre crimes e mortes, pessoalmente eu não dimensionava a magnitude da violência ao interior dos bairros periféricos desta cidade. E, no entanto, há muitos artigos jornalísticos que falam sobre o bairro de meu interesse, a violência não só se manifesta aí, senão também em outros lugares da cidade, mas principalmente nos bairros onde a população é negra. Na anterior nota de campo eu descrevo este tipo de violência, que se materializa no interior dos bairros estigmatizados de perigosos, como também nas fronteiras do espaço legítimo onde o crime e as ilegalidades se concentram e se reproduzem construindo um delimitado espaço de lutas, distinções e divisões socioculturais na mobilidade e sociabilidade da cidade.

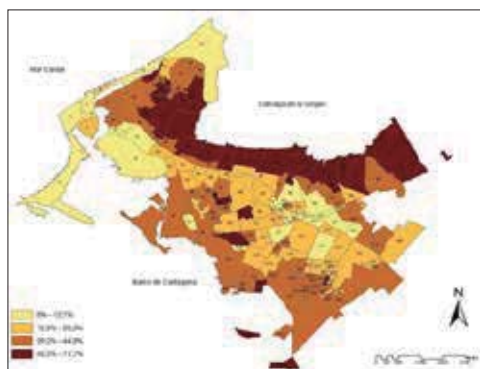
Figura 1. Pocercentage de pessoas de raça negra nos bairros de Cartagena



Fuente: Banco de la República (Colombia). Pérez, Gerson y Salazar, Mejía (2007).

A partir da imagem anterior e os lugares onde a violência se localiza dentro dos artigos jornalísticos, é possível estabelecer uma relação direta e interseccional entre as variáveis: classe e raça. E se comparamos os dados estatísticos sobre pobreza com a porcentagem de pessoas negras nos bairros de Cartagena, podemos entender geograficamente os lugares onde a violência tem maior repercussão, como também questionar o que acontece com o espaço urbano e o porquê a violência se concentrasse só em certos lugares e não na totalidade da cidade. Tal e como se verá a continuação.

Figura 2. Porcentagem de pessoas de ingressos baixos em Cartagena<sup>4</sup>



Fuente: Banco de la República, Colombia. (Pérez & Salazar, 2007).

Então, para minha pesquisa, a qual está centrada na análise da formação étnico/racial do espaço urbano e a desigualdade estrutural de Cartagena, eu quero descrever e argumentar se há alguma possibilidade de falar de uma segregação ou política racial direta ou indireta pelo Estado que pode ou não ser refletida nas cidades e territórios onde se concentra a maioria de pessoas não-brancos/mestiços, além de vincular nesta análise uma reflexão histórica sobre a subalternidade das minorias étnicas na Colômbia e suas condições atuais como cidadãos em relação com a sua ocupação do espaço e as condições materiais e de vida na cidade.

De certa forma, estes tipos de dados ou cartografias sócio-étnico-econômicas me dá ideias para aprofundar sociologicamente o vazio humano que a estatística não descreve sobre o interior dos bairros marginais. Portanto, as crônicas jornalísticas são um mapa a priori da cotidianidade das periferias para falar dos lugares onde tanto a violência como as dinâmicas socioculturais se representam desde fora sem aprofundar, por exemplo na produção deste espaço que nos últimos anos se tornou um lugar de lutas, morte e sofrimento entre jovens de diversas gangues, uma guerra que descreve a vida precária e o resultado de uma longa história de guerra interna e violência estrutural que tem produzido as dinâmicas sócias e a cultura do terror num momento histórico de pós-conflito (negociações de paz com a guerrilha) armado onde as cidades estão sendo mudadas pelas novas lógicas ilegais do negócio do narcotráfico.

Por tal razão, para minha pesquisa além de analisar as origens estruturais da desigualdade étnica/raciais, a etnografia do espaço a partir das narrativas jornalísticas tem mudado minha perspectiva em duas vias. A primeira porque estou considerando com maior força a dialética espaço-sociedade, pois as di-

<sup>4</sup> Como se observa nesta imagem, os ingressos mais baixos se concentram no local De La Virgen e turística, localidade que na sua maioria está constituída pelo bairro Olaya Herrera.

nâmicas das periferias configurassem de uma forma única, isso quer dizer, de forma situada. E numa segunda perspectiva, tem conseguido um conhecimento melhor sobre como vou me mover dentro do bairro para reconhecer as instituições/atores e pessoal com maiores argumentos de autoridade.

Por outro lado, fica claro o tipo de pessoas as quais preciso focar a observação etnográfica: jovens de gangues entre 15 e 27 anos, suas famílias, vítimas da violência urbana, policiais, fundações e ONG especializados em “re-socializar” jovens violentos. Resumindo, tenho novas perguntas a responder em minha pesquisa.

### DISCURSOS E ANÁLISE SOBRE VIOLÊNCIA, GANGUES E VIDAS PRECÁRIAS

Durante a pesquisa de arquivo consegui estabelecer quatro discursos concretos: 1) jovens de gangues, 2) vítimas da violência urbana, 3) polícia, e 4) funcionários públicos/ONG. E cada qual com sua própria versão da realidade. No entanto, a realidade de cada ator que participa na construção dos fatos jornalísticos seja diferente, irregular e incoerente sobre a manipulação da informação, eu considero estes discursos dispersos como pretextos para aprofundar nas vozes ocultas, os discursos de guerra, as súplicas pela paz e a vida, e como também, sobre a lentidão da gestão pública. Desta forma, vou fazer uma análise de cada um destes discursos.

Dentro dos 42 artigos pesquisados, só três tinham a voz direta destes jovens falando de sua experiência nas gangues. Mas a mediação do discurso jornalístico censurava a longa história e as razões pelo qual a formação das gangues e a violência urbana são sedutoras para os homens jovens das periferias. Então, há duas linhas discursivas nos jovens que descrevem dos tempos nas suas vidas que torna-se repetitivo nestes 3 artigos onde eles são os protagonistas: 1) o tempo da violência nas gangues, e 2) sua experiência de vida fora da violência urbana (pós-violência).

#### I

Por exemplo: a história de vida de Juan sobre como ele torna-se parte da gangue “Los panelas” é diferente do resto de jovens que faz parte de gangues em Cartagena, porque em primeiro lugar ele não é originário da cidade, senão de Medellín; num segundo lugar, ele teve todas as garantias socioeconômicas por parte de sua família para fazer qualquer coisa na sua vida, pelo fato que seus pais são donos de bons negócios e moram no bairro mais exclusivo de Medellín. Mas sua vida mudou a causa da morte acidental de seu irmão, aspecto moral e familiar que obrigou ele fugir de sua casa pela culpa de sentir-se responsável dessa morte, além de ser fortemente rejeitado e julgado por seu pai. Sobre o anterior Juan vai dizer:

Terminé el bachillerato a los 14 años, ocupé el segundo lugar en las pruebas del ICFES, mi hermano gemelo fue el primero. Mi hermano murió ahogado cuando nos estábamos bañando en una poza (laguna) y a mí me echaron la culpa de la muerte de él. Me vine para Cartagena en mula (camión) yo solo. Me traje todos mis documentos, yo sabía que nunca iba a volver allá (De la Cruz Pallares, em *El Universal*, 7/1/2013).

O deslocamento a outra cidade, o fato de não ter dinheiro para comer, não ter experiência nas ruas e sobreviver foram as principais razões para ele buscar estratégias de sobrevivência como se vincular ao exército nacional e depois entrar na gangue “Los panelas” e na sua lógica de consumo de drogas e violência, tal e como ele diz:

Yo toqué fondo. Viví en la calle, comía de la basura. Toqué fondo, fondo. Y una señora me dijo: “Hijo, te conocí cuando eras el mejor estudiante del INEM (escuela técnica), ¿qué te pasó?”. Yo me fui en llanto, me paré y dije ya no más. Ella me regaló tres mudas de ropa, me llevó al peluquero y a bañarme al hotel donde estaba. Me regaló dinero para un hospedaje. Me dijo: “¿Qué quieres, trabajar?” Yo le dije que sí, para vender chicle. Y ella me dio 100 mil pesos. Y con la plata así en la mano no volví a ir por droga (ibíd.).

No entanto, neste discurso ele não descreve as ações violentas de seu passo pela gangue, o que eu acho interessante desta visão jornalística, por um lado, tem a ver com como as experiências da violência tornam-se um discurso de superação pessoal, mas, por outro lado, na ajuda dos outros como caminho de salvação. No caso de Juan foi ajudado por um advogado que lhe deu trabalho num lava-carros.

Outro exemplo interessante é Roco. Com apenas 21 anos, sua história na gangue Los Panelas está cheia de violência, além de ter outra trajetória de vida diferente ao caso de Juan. Roco iniciou sua vida delitativa e clandestina a partir dos 12 anos, porque desde criança era açoitado por jovens maiores que ele e num ato de defesa pessoal cometeu um assassinato.

Fue en un acto de rabia porque me maltrataban y me tiraban piedra cuando me veían, y eso no me gustaba. Me esperaban para pegarme y yo no les había hecho nada. Una noche cuando vi a Jorge Armando le disparé. Me fui escondido para San Fernando (barrio) donde unas tías y les conté y ellas por miedo me mandaron para un pueblo. (De la Cruz Pallares, em *El Universal*, 17/12/2012).

Depois do crime, ele não conseguiu voltar a sua casa, a sua escola e estabelecer de novo sua vida cotidiana, no entanto a mãe da vítima lhe perdoarei, Roco preferiu morar nas ruas e participar da economia ilegal como estratégia de sobrevivência. Durante aquele tempo participando na gangue Los Panelas ele diz que: “A mí me han tirado a matar muchas veces. Me han dado siete balas en tres oportunidades” (ibíd.). Além disso, é um cara buscado pela polícia por seu histórico de crimes.

Tengo siete homicidios, varios intentos y desfiguración de rostro. Las culebras y los tombos [tiras] me buscaban, pero no buscaba una patrulla, a mí me buscaban 10 motos, dos camiones, decían que yo era el que les sabotaba los turnos. Yo robaba y cuando les avisaban, me les rodaba de calle. Me imaginaban más grande porque yo era el que hacía de todo y nunca me podían coger (ibíd.).

Mas, da mesma forma como o discurso jornalista descreve a Juan, no caso de Roco seu discurso sobre a violência não é tão transcendental como a salvação de uma nova oportunidade fora da violência das ruas. Ao igual que Juan, Roco teve sorte de conseguir trabalho apoiado por uma fundação, mas com a diferença de decidir mudar sua vida graças ao nascimento de seu filho e a companhia de sua mulher, como ele diz:

Desde que estoy con mi mujer ha sido un cambio general. Le dedico el tiempo porque la quiero mucho. Me levanto a las 6 de la mañana y en vez de irme para la calle me acuesto otra vez. Me entretengo en la casa haciendo el aseo y tratando de ser lo mejor. Le agradezco mucho, con ella me tranquilizo (ibíd.).

Ambos casos têm algo em comum, um antes e um depois de participar das gangues, uma história triste e um final semifeliz. E, no entanto, suas origens sociais sejam diferentes além de sua participação na produção da violência urbana, dentro do discurso jornalístico não existe a possibilidades de aprofundar nas causas, motivos e vivencias dentro das atividades criminosas porque o discurso jornalístico não critica os motivos sociais em torno ao sujeito porque a sociedade de acordo com sua perspectiva não tem culpa nenhuma, senão somente o individuo é culpável deste tipo de condutas desviadas. Mas, o interessante de Juan e Roca, é que ambos são pretos, aspecto que o jornal se aprofunda.

## II

No discurso das vítimas da violência das gangues encontrei 7 artigos onde há argumentos polifônicos que descrevem os danos colaterais das lutas pelo território nos bairros periféricos da cidade. Destes 7 artigos jornalísticos há três artigos que se enfocam no protesto público e a mobilização popular nas ruas de Cartagena conformada por jovens ao mesmo tempo das periferias, mães e famílias vitimas tanto da violência da polícia como das gangues. Dentro desse discurso é interessante ressaltar como os jovens das periferias estão sendo percebidos pela opinião pública, as mídias e os espaços de trabalho no centro da cidade. Por exemplo, a dirigente de uma mobilização dirá o seguinte:

Estamos realizando esta marcha en contra de la discriminación y de la estigmatización racial y social que está viviendo en Cartagena. (...) Es una ciudad muy grande que vive del turismo. Sin embargo, la parte que siempre se muestra es la de la ciudad amurallada. A la zona suroriental no la están mostrando, y en



estas comunidades hay jóvenes con mucho talento, que son artistas, cantan y bailan. Esta es una voz de protesta, reclamando esa oportunidad a la igualdad (Meza Altamar, em *El Universal*, 26/4/2014).

Pelo tanto, além da violência física nos bairros, os efeitos estruturais da exclusão são ainda mais fortes e fazem parte das reclamações dos jovens frente ao poder público. Então, a discriminação e o estigma tornam-se os principais fatores de desigualdade, como se dirá na seguinte frase: “Luego, unidos en una misma voz reclamaron su inclusión a esta sociedad segmentada por estratos socioeconómicos, razas o creencias, que han generado un mar de violencia que ha acabado con la vida de muchos jóvenes” (ibíd.).

Mas não só este tipo de discurso se dá na esfera pública e na mobilização das vítimas nas ruas fora das periferias, senão também dentro dos bairros onde a violência é mais forte e a presença do Estado se representa, por meio da força repressiva da polícia nos momentos de lutas entre as gangues ou na presença de alguma personalidade importante como presidentes de países de Europa ou quando há algum evento internacional, como foi a Cumbre das Américas do ano 2012.

Figura 3. Escuadrón antidisturbios deteniendo protesta



Fuente: Diario *El Universal*<sup>5</sup>.

Este tipo de presença militar e repressiva podemos chamar de *Estado de exceção* (Agambem, 2004), que explica as múltiplas mobilizações populares como a feita por uma escola pública no bairro Olaya Herrera, onde nem a prefeitura nem a polícia tinham feito algo para controlar a violência e arrumar a escola fisicamente para iniciar as classes e evitar os intentos de estupro dos jovens homens das gangues contra as jovens da escola, tal e como relata a mãe

<sup>5</sup> Véase Otero Brito, E. (14 de junio de 2013), Pandillas en Cartagena reclutan a niños desde los 7 años. En *El Universal*, versión digital. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/pandillas-en-cartagena-reclutan-ninos-desde-los-7-anos-123088>

de uma das crianças: “El martes intentaron violar a mi sobrina de 8 años” (Cardona, em *El Universal*, 16/2/2012), ou como descrevem os discentes sobre uma experiência de terror dentro da escola: “Los pandilleros quisieron tomarse uno de los salones que quedan por fuera del colegio, se metieron e intentaron violar a la niña, y ella tuvo que salir corriendo, y pasarse la paredilla (pared) del supuesto salón para salvar su pellejo” (ibíd.).

Portanto, ante o Estado de exceção os moradores destes bairros marginais e autoridades institucionais como o diretor da escola pública, não tem outra alternativa senão protestar simbolicamente contra a prefeitura e quase que mendigar pela ajuda da polícia para a segurança dos arredores da escola, como vai dizer o diretor:

Esperemos que los funcionarios del **Distrito** cumplan lo que están diciendo. Estoy hablando en nombre de todo el colegio cuando digo que si no contamos con un **CAI de Policía** (delegacia) y si no terminan las obras de la nueva sede del colegio, no vamos a poder dar las clases (ibíd.).

No resto dos artigos jornalísticos, o discurso das vítimas concentra-se nos danos de suas casas que estão no meio dos conflitos entre gangues, em que os jovens geralmente combatem com pedras. Inclusive danos emocionais, físicos e familiares que sofrem os vizinhos nas suas cotidianidades e o medo e o terror de morrerem por acidente ou no meio das disputas territoriais, até o ponto de querer fugir do bairro: “No es justo que estas cosas sucedan en Cartagena. Definitivamente me voy a mudar para otro barrio. La verdad nos sentimos desamparados por parte de la Policía, porque se forman peleas a diario y las autoridades no hacen nada” (Sánchez Gómez, em *El Universal*, 3/9/2012).

A anterior cita expressa o sentimento de frustração de uma mulher moradora do bairro, a qual também fala da inutilidade da polícia quando ligam para pedir ajuda. Sobre isso, ela vai dizer: “En vista de una nueva pelea entre pandillas, me decidí a llamar a la Policía para pedir auxilio, pero no me contestaron. Cuando al final alguien contestó, el policía no me dejó explicar nada y cerró el teléfono” (ibíd.).

Neste caso, as vítimas não têm a sensação de ser protegidas pelo Estado, porque o Estado desde a experiência dos moradores das periferias, não tem importância no discurso local e público.

### III

Para a análise do discurso da polícia encontrei 4 artigos relacionados diretamente com eles e outros dois misturados com o discurso público. Portanto, muito pouco o que a polícia tem a dizer sobre a violência nas periferias de Cartagena. De fato, seu discurso é prático, estatístico, punitivo, como também de resignação sobre a impossibilidade de encontrar saídas ao problema das lutas entre gangues.

Sobre este discurso me interessa saber como a polícia estabelece as tipologias da violência, as gangues, os jovens e sua relação com o território, as microeconomias e macroeconomias ilegais. Por exemplo, para o ano 2013 a polícia fala que em:

Hay 62 pandillas en la ciudad y 12 grupos de jóvenes que corren el riesgo de convertirse en otras Esas 62 pandillas están integradas por 1.600 jóvenes. Se estima que la mayoría están entre los 12 y 24 años. El coronel William Ruiz Garzón, comandante (e) de la Policía Metropolitana de Cartagena, asegura que este año la institución ha atendido más de 1990 peleas entre pandilleros (Morales Gutierrez, em *El Universal*, 1/6/ 2013).

Além disso, eles têm identificado a geografia onde os atos delitivos, criminosos e violentos são mais fortes, esta ubiquação fica nas periferias e especialmente em bairros como Olaya Herrera. Embora, a polícia tenha disposição e faz de tudo para controlar ou gerenciar a violência urbana, eles são consentes de seus próprios limites e admitem que é um problema impossível de resolver sem ajuda de outros organismos, sobre isto o coronel William Ruiz vai dizer:

Tienen que articularse todas las instituciones para tratar la situación. Esto no solo es policial y coercitivo. Hay que hacer un trabajo social fuerte en las familias y con los jóvenes en riesgo. Realizar un trabajo fuerte, articulado (ibíd.).

Neste sentido, para a polícia o principal problema não são as gangues, senão a irregularidade, ausência de planejamento e política pública de longo tempo da prefeitura para administrar por um lado, a pobreza nas periferias e por outro, a criminalidade dos jovens. Pelo tanto, a polícia dedica-se na maioria de suas intervenções públicas a falar de cifras como as do ano 2012: “El hurto a viviendas y al comercio se redujo en un 16 y 13%, respectivamente. El hurto de automotores también disminuyó en 8%, que se representa en 31 casos menos con respecto 2011” (Redacción Sucesos, em *El Universal*, 27/12/2012). Ou como também:

Las operaciones en la ciudad permitieron este año la captura de 6.211 personas por distintos delitos, 175 de ellas por homicidio. Se han incautado 468 armas de fuego ilegales y 17.413 armas blancas, al igual que 2 millones 42 mil 984 gramos de sustancias alucinógenas (ibíd.).

Por tanto, os dados desta pesquisa de arquivo são interessantes na perspectiva de que é possível determinar qual é o papel que desenvolve a polícia tanto na esfera pública interinstitucionais e suas ações nos bairros marginais onde na maioria dos casos registrados nos artigos jornalísticos eles só fazem presença, mas de forma irregular para acompanhar as crianças das escolas públicas onde as lutas entre gangues, os estupros e roubos são mais frequentes, ou de forma simbólica para dissuadir o conflito entre territórios.

## IV

Para a análise do discurso público encontrei 11 artigos, a maioria destes desde o ano 2012 até 2014. E junto com as anteriores análises discursivas, esta parte do ensaio descreve o avanço notório de um problema que saiu fora das mãos da política local para se tornar nacional. Mas também, da para entender a importância da pesquisa sociológica para pensar de melhor jeito políticas públicas sobre violência urbana e jovens nas periferias, porque no caso de Cartagena, o problema principal da cidade analisada desde os artigos jornalísticos parecem ser irregularidades da gestão pública e o pouco contato das instituições públicas com a realidade.

De fato, umas das coisas que refletem a ausência de pesquisas e a irregularidade no tema da violência urbana são os dados estatísticos. Dos 11 artigos que encontrei há quatro que falam sobre cifras de gangues e jovens nas periferias, mas estas cifras mudam o tempo todo, no mesmo ano aumentando ou diminuindo, por exemplo, em fevereiro do ano 2012 a cifra de gangues era de 72, e os jovens que faziam parte da mesma eram 2500. No entanto, para o mês de maio a cifra era outra, 463 gangues e 7000 jovens. Para o ano 2013 a cifra foi diferente, além de vincular outra categoria de análise como a idade. Nesse ano não se falou de gangues, senão de jovens em risco: em total 1800 jovens entre 14 e 17 anos. E para o 2014 a cifra também mudou, mas, segundo as fontes deste artigo, este tipo de cifras eram as mais exatas: 82 gangues, 1600 jovens entre 12 e 26 anos, e outros 195.000 jovens em risco de participar nestes grupos violentos.

Portanto, é interessante observar que em todos os artigos não se argumenta sobre como este tipo de dados é pesquisado nem quem, nem como, nem quando são feitos. Só falam que são dados oficiais porque são da polícia ou prefeitura. Então, a partir desta irregularidade é muito difícil estabelecer qual é a magnitude da produção e reprodução da violência nas periferias. E por tanto, as tentativas da polícia e as instituições públicas não funcionam. Porém, nos últimos dos anos (2013-2014) há uma maior seriedade por parte dos organismos públicos de controlar a violência e as cifras de morte discutidas acima com respostas e políticas contundentes. Por esta razão, vou fazer uma descrição das tentativas de intervenção sobre a violência nas periferias e os fatos concretos do último ano.

Depois de muitos anos com o mesmo problema, apenas em 2012 a prefeitura se torna consciente do problema que representam as gangues para a segurança da cidadania e o desenvolvimento da cidade, os funcionários públicos começam a buscar outras opções à violência da polícia, como dirá o assessor do prefeito Oscar Brieva:

A todos nos conviene disminuir el accionar de las pandillas. Pero no podemos llegarle con violencia, ni represión. Por el contrario, con la ayuda de los párrocos y pastores de las diferentes iglesias, quienes conocen de cerca la problemática (Therán Tom, em *El Universal*, 21/2/2013).

Portanto, a partir deste ano que se inicia parte do governo público começa a entender melhor o que acontece com os jovens e as gangues, e então especialistas no tema se vinculam ao projeto de construir integralmente uma política pública para diminuir o risco de jovens de participar em gangues. Mas, principalmente estabelecer uma secretária única por parte da prefeitura para pensar o dia todo este problema, da forma como vai falar outra vez o assessor do prefeito:

Se ha propuesto crear un fondo público y privado que permita que las empresas privadas adopten a los muchachos. Lo que se busca es que todos los esfuerzos se integren bajo una gerencia única para ese tema que piense y trabaje 24 horas por las pandillas y evitar que otros jóvenes se introduzcan en ese mundo (ibíd.).

Ou como também descreve a ONG *semillas de amor*, a qual vai vincular o fator cultural à análise:

Hay que analizar que el tema de pandillas debe trabajarse orientadamente por una política pública porque en los barrios de Cartagena existe una aceptación cultural al pandillismo. La chica que tiene relaciones con el jefe de la pandilla ya tiene un reconocimiento dentro de la comunidad, mientras que el resto de la sociedad como tal acepta la problemática. Tal es el caso que en algunos sectores cuando hay una pelea entre pandillas, sacan las sillas para divertirse cuando estos jóvenes se agreden (ibíd.).

Porém, dos atores vinculados pela prefeitura local para acabar com a violência nas periferias, são a igreja cristã e adventista, e é tão forte sua presença na política local que para o ano que vem (2014) será a igreja a encargada e designada pela prefeitura para construir a política pública sobre jovens e gangues, sobre isso disse o secretária de educação Rosario Ricardo Bray:

Las diversas iglesias que hay en Cartagena son actores importantes para contribuir al desarrollo de una política pública, pero es claro que en el plan de desarrollo debe quedar bien definido un programa, que se articule con todas las dependencias del Distrito (Redacción Sucesos, em *El Universal*, 20/2/2012).

O cenário para 2013 não vai mudar muito, no entanto em 2012 o governo local tinha tentado gerenciar de forma “integral” a violência nas periferias. Mas, a causa de uma luta entre gangues num lugar público e comercial importante da cidade, outro ator que vai participar na luta pública contra a violência, e o mais importante é que a partir deles o problema da violência local vai virar problema nacional, porque eles são o grêmio econômico, mas forte da cidade depois da petroquímica: os hotéis.

Naquele momento o grêmio vai dizer: “Estamos preocupados porque el 90% de los bañistas son turistas y la imagen que se llevan de Cartagena es de la violencia y la inseguridad, los turistas no se quedarán callados” (Solórzano, em

*El Universal*, 15/5/2013), e eles adicionam que: “Como gremio enviaremos una carta a la Alcaldía, la Policía y al Viceministro de Turismo expresando nuestra preocupación” (ibíd.).

Então, a partir de 2013 se radicaliza o discurso das instituições públicas construindo estratégias práticas como novos cenários esportivos, investimento na educação e cultura, e um programa piloto para ressocialização de jovens das gangues. Em 2014 numa reunião extraordinária com uma comissão do senado da república o prefeito de Cartagena disse que: por medio de programas ligados al deporte, la inserción laboral y la educación, su Administración se ha propuesto brindar apoyo a los jóvenes en riesgo, e a comissão do senado adiciona: “que, por medio de la oficina de Reinserción Social, los jóvenes en riesgo puedan obtener trabajo y desarrollen sus procesos de rehabilitación y inserción social” (González, em *El Herald*o, 22/5/2014).

### PORNOGRAFIA DA VIOLÊNCIA?

Dos 42 artigos sobre violência urbana nas periferias de Cartagena, há uma quantidade de artigos a diferença das anteriores categorias de acima onde se pode escutar uma pluralidade de vozes que falam e outra quantidade de silêncios (Das, 1999) que também falam descrevendo fronteiras, acontecimentos, corpos, nomes, dados, imagens e mortes. Nesta pesquisa encontrei 18 artigos curtos que falam de violência, vítimas, vitimadores, mas especialmente: do terror nas ruas.

Estes artigos estão presentes desde 2012 até hoje sendo parte das notícias que os leitores deste jornal podem ler em seu cotidiano. Este tipo de informação pode se classificar como crônica vermelha pelo grau de violência e acontecimentos relacionados com a estética da guerra nas periferias. Portanto, mais que um discurso, estes artigos descrevem de forma similar como uma etnografia, uma realidade diária que usa as vozes dos outros e dados oficiais para transmitir uma informação visual e escrita neutra, mas, com um elevado conteúdo da cultura cotidiana e a cultura do terror nas periferias de cidade.

No entanto, com o passar dos anos este tipo de artigos se torna mais e mais violento e descritivo, especialmente com as imagens dos jovens mortos nas lutas entre gangues. Portanto, eu acho que é possível entender este tópico, além de um discurso informativo neutro, também como uma pornografia da violência cotidiana onde as mortes, os corpos, a cor da pele e as periferias da cidade não são relevantes política nem midiaticamente. Acontece aqui, um processo de dupla hegemonia no sentido em que Laclau (2009) introduz o termo como categoria de análise para entender os estudos críticos do discurso.

Jornais como *El Universal*, torna-se um referente massivo para falar com legitimidade de uma realidade. A mensagem, massificada como certeza vira uma

narrativa hegemônica, mas fragmentada na materialidade da notícia, isso quer dizer, realidade distorcida pelo mercado do consumo da violência, em um país que como a Colômbia tem uma longa tradição de conflito. A diferença entre a descrição etnográfica baseado em uma pesquisa prolongada no tempo e no espaço, demonstra um outro tipo de informação, menos subjetiva, fragmentada e politicamente perversa pela política de consumo do discurso jornalístico, o qual no caso da abordagem da violência entre gangues na periferia, não reflete nas causas estruturais, senão nos seus efeitos colaterais na população vizinha e na cidade.

A outra hegemonia vem da ordem sócio-antropológica que os regimes visuais e narrativos que imprensa ainda perpetuam no imaginário social do século XXI; uma hierarquia étnica/racial e de classe com uma clara intenção política de segregação o problema de seguridade e da violência urbana nos espaços periféricos.

A categoria pornô do jeito como Jorge Leite define, dá sentido a minhas dúvidas sobre como as mídias representam a violência das periferias: “Chamarei de pornografia todo tipo de produção escrita, musical, plástica ou audiovisual que seja voltada para um mercado próprio e que tenha como principal objetivo a obtenção do lucro econômico através da excitação de seu público consumidor” (2012, p. 111).

Figura 4. Pandillas en Cartagena



Fuente: *El Universal*<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Véase Redacción Sucesos (7 de octubre de 2011). Pandillas no dan tregua: otro muerto. En *El Universal*, versión digital: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/pandillas-no-dan-tregua-otro-muerto-47404>.

A fotografia anterior faz parte do que Leite descreve como a produção escrita e audiovisual que produz o mercado próprio da pornografia, ou neste caso, a pornografia da violência urbana, porque o principal objetivo do jornal local é: a “excitação de seu público consumidor” (ibíd.). No caso dos 18 artigos curtos encontrei pequenos parágrafos que descrevem do jeito mais cruel a morte dos jovens vítimas das gangues, por exemplo:

- “Como Yuranis del Carmen Puerta, de 29 años, fue identificada la mujer asesinada con arma de fuego en el sector Foco Rojo, de Olaya Herrera. Yuranis recibió un impacto de bala en la espalda que le perforó un pulmón cuando intentó correr asustada por la presencia de la pandilla” (*El Universal*, 10/9/2012)
- “Vecinos contaron que a las 4 A.M, Wiston Barcasnegras Moreno caminaba por la calle Miramar cuando fue abordado por integrantes de la pandilla “Los chonchos”. Le dieron 6 cuchilladas entre pecho y espalda, que lo tienen grave en el Hospital Universitario del Caribe” (Redacción Sucesos, em *El Universal*, 12/8/2013).
- “Un muerto y dos heridos dejó un enfrentamiento entre dos pandillas de los barrios 9 de abril y la Piedra de Bolívar. Durante el hecho murió Carlos Zárate Guerrero, de 18 años, y conocido con el alias de “El Diablito”, quien recibió una herida de bala en el pecho y otra con arma corto-punzante” (Redacción sucesos, em *El Universal*, 14/11/2012).
- “El resultado de la balacera fue la muerte de Neiser Luis Pérez, de 13 años, quien, según familiares, estaba en la terraza de su casa, viendo la pelea. Él recibió un tiro en la cabeza que lo dejó prácticamente sin vida” (Molina Ramírez, em *El Universal*, 24/4/2011).
- “La guerra entre pandillas cobra una nueva víctima mortal en la ciudad. Entre la noche del sábado y la mañana del domingo Yuranis Lugo De Arco y Francisco José Cantillo Batista fueron asesinados por pandilleros en Pablo Sexto II y San Isidro, respectivamente” (Redacción Sucesos, em *El Universal*, 28/5/2013).
- “Jordi José Becera Marimón, de 18 años, fue herido en la espalda cinco veces con arma blanca, al mediodía de ayer. La mortal agresión ocurrió en la Calle 13 de Mayo, del barrio La Candelaria, de Cartagena, donde según las autoridades, entre 10 y 12 personas atacaron a este joven quien murió desangrado en el acto” (Redacción Sucesos, em *El Universal*, 7/10/2011).

Nas mortes das vítimas é muito interessante ressaltar que acontecem na maioria dos casos por acidente, mas é um tipo de morte que se pode chamar de sedução ou erotismo pela violência, porque a cultura do terror é tão forte nas periferias de Cartagena que quando acontece alguma luta entre gangues



os jovens que moram nos bairros marginais vêem nessas lutas um show ou espetáculo cotidiano. Portanto, as balas perdidas e acidentes fazem parte da cultura, em parte, da violência histórica na Colômbia, mas por outro lado, no fetiche do corpo ferido, a agressividade, a força bruta, os jogos de poder, a masculinidade e a busca de um reconhecimento na esfera pública.

Tais espaços de morte, cultura do terror, e memória da violência histórica são representados nos artigos jornalísticos, também nos leitores e o cotidiano da cidade como eventos naturalizado na consciência social e no discurso cidadão. Então, a partir desta perspectiva, eu considero que o modo como a violência urbana se representa no jornal e na opinião pública não tem diferença nenhuma com um filme pornô, pelo grão de excitação que cria a morte e a violência cotidiana, efeito visual, cognitivo e cultural que estabelece ações tais como práticas ilegais e informais, também estratégias de sobrevivências dentro da precariedade, e as fronteiras materiais e imaginárias da marginalidade urbana.

#### DIRETRIZES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA

Nas páginas acima eu tentei fazer uma análise dos possíveis discursos sobre violência nos últimos 4 anos dos artigos jornalísticos do jornal *El universal de Cartagena*. Nesta classificação discursiva que fiz sobre os tipos de violência descrita sobre as periferias encontrei mais perguntas que respostas sobre as margens ou limites para minha pesquisa. No entanto, são importantes os dados e a análise dos discursos que desenvolvi para este ensaio, desta forma, é importante estabelecer as possíveis verdades ou os regimes das verdades que os jornais tentam transmitir à sociedade. Portanto, este ensaio é só uma busca de alternativas para aprofundar na informação de minha pesquisa, onde pessoalmente a função da etnografia, o seja, da observação participante desenvolve um papel crucial.

No princípio, pensei que a categoria de economia moral de Thompson (1984) da forma como ele tenta explicar os motins de subsistência na Inglaterra do século XVIII, seria a melhor forma de entender o caráter das lutas entre gangues a partir do registro histórico de artigos jornalísticos, porque tal e como ele fala:

Las revueltas eran provocadas por precios al alza, por prácticas indebidas de los comerciantes, o por hambre. Pero estas ofensas operaban dentro de un consenso popular sobre lo que eran prácticas legítimas e ilegítimas de comercialización, molienda, horneado, etc. Esto a su vez estaba cimentado sobre una visión tradicional consistente de las normas y las obligaciones sociales, de las funciones económicas propias de diversos grupos dentro de la comunidad, las que vistas en su conjunto, puede decirse que constituyen la economía moral de los pobres. Un atropello de estos supuestos morales, tanto como las privaciones experimentadas, era la ocasión para la acción directa (Thompson, 1984, p. 188).

Mas, tanto na minha aproximação etnográfica com as gangues das periferias, e em nenhum dos 4 discursos estabelecidos aqui, foi possível encontrar alguma voz ou ação direta de parte da cultura popular para falar em comum acordo contra as condições estruturais de desvantagem histórica, étnica e econômica que eles sofrem, mas sim um tipo de protesto circunstancial que difere do modelo marxista de Thompson, o qual se refere ao poder do Estado como principal produtor dos motins de subsistência, mas isso não quer dizer que a possibilidade destes motins nas periferias de Cartagena seja nula, senão que não ha evidencia empírica para falar o contrário.

No caso da cidade de Cartagena a violência estrutural é clara desde os tempos atrás e até naturalizada na sua cultura da precariedade, de tal forma que nesta pesquisa o principal problema parece que não é a violência feita pela ausência do Estado, senão o resultado histórico de uma violência corporificada e subjetivada no cotidiano dos jovens longe de atacar a raiz estrutural de suas precariedades, senão todo contrário, aprofundando no sofrimento que de forma endógena, esquece a totalidade e se concentra no particular.

Oposto ao conceito de humano no texto de Veena Das (1999) sobre famílias urbanas na Índia. Desde sua perspectiva etnográfica fica claro o poder das vozes, especialmente no poder da linguagem que se fala, mas também no discurso implícito do silêncio nas interações sociais num contexto de guerra ou precariedade. Portanto, silêncio e fala são duas ações que constroem os limites ou fronteiras do humano e não-humano nas cidades, e em relação a este ensaio há um argumento claro do que pode se considerar humano e não- humano, neste caso os jovens e vítimas mortas no descrito como pornografia da violência fazem parte do discurso público e policial hegemônico que considera os violentos só como dados ou criminosos, excluindo a sua possibilidade de vida.

Agora enfatizando o termo vida. Isso se liga especialmente à ideia de que as forças específicas do corpo humano, bem como os sentidos e a voz humanas, não são fixados de antemão. Assim, testar os limites do humano requer o desenvolvimento de critérios aplicáveis à própria condição de ser humano. O critério de dor, por exemplo, não se aplica ao reino inorgânico nem a máquinas. Do mesmo modo, segundo Wittgenstein, podemos dizer que um animal expressa medo ou alegria, mas será que podemos dizer que expressa esperança? Assim como a diferença entre tomar posse e coroação expressava a ideia de diferenças horizontais, ou diferenças na forma, para Cavell, as expressões linguísticas comer, ciscar e devorar, por exemplo, expressam diferenças verticais, diferenças na vida, entre um ser humano, uma ave, ou um animal (Das, 1999, p. 38).

Na forma como os jornais descrevem a violência, ha uma ideologia clara que estabelece o bom e o mal de forma moral e não neutro. Nesse sentido, o único que pode se considerar humano na perspectiva do discurso publico e

jornalístico são as vítimas, as quais são as únicas que têm um discurso para expressar dor ou sofrimento, portanto vida, caso contrário dos jovens das gangues que não têm voz, pelo tanto, não são humanos. Mas isso acontece pela precariedade histórica da ausência do Estado nas periferias da cidade, nas palavras de Agamben (2004), como um Estado de exceção.

Para minha pesquisa doutoral esta categoria define desde a perspectiva filosófico-política, a formação estrutural da marginalidade e as lógicas precárias da vida porque no caso das periferias urbanas de Cartagena pode se descrever sua realidade estrutural usando a sua principal tese: “[una] tierra de nadie entre el derecho público y el hecho político, y entre el orden jurídico y la vida” (Agamben, 2004, p. 9).

A partir do olhar dos fragmentos de jornais aqui usados, e vinculando minha experiência etnográfica, fica claro que a exceção na forma em que Agamben argumenta, nas periferias urbanas de Cartagena, é total. Terra onde os fatos políticos e o direito público não tem legitimidade no marco geral do que se espera do funcionamento do Estado, a vida, por tanto, fica por fora ordem jurídico, nas mãos da ilegalidade e um Estado paralelo. No entanto, precisaria fazer maior pesquisa de campo para determinar os tipos e formas como a exceção se representam na cotidianidade e nas práticas de sobrevivência dos jovens marginais.

Além dos aspectos teóricos, a parte metodológica, a escrita deste artigo e a pesquisa de arquivo ajudou me identificar outras fontes de informação de primeira mão úteis para aprofundar nos dados históricos, públicos, políticos e institucionais, mas também para ter um melhor e maior entendimento do que acontece realmente nas periferias urbanas de Cartagena, porque para mim não tem sido fácil configurar um espaço social sem conhecer desde adentro sua formação social, população e cotidianidade. No entanto, a pesquisa de arquivo tem me ajudado na formulação de novas diretrizes de pesquisa, tais como considerar vozes que estão em torno à violência e sabem o que acontece com os jovens das gangues ainda mais que as instituições públicas ou grandes ONG.

Então, neste sentido, vou procurar pequenas fundações e líderes comunitários que estão fazendo um trabalho alternativo em temas como no resgate de jovens em gangues e pós-gangues. Como conclusão final, este ensaio foi uma ótima experiência para edificar a partir de onde e de quê instrumentos teórico-metodológicos preciso me encaminhar para desenvolver o futuro de minha pesquisa de campo.

## REFERENCIAS

- Agambem, G. (2004). *Estado de Excepción: homo sacer II, I*. Madrid: Adriana Hidalgo
- Das, Veena (junho 1999). Fronteiras, Violência eo Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos. Em *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS), Volumen 14, Nº 40, pp. 31 -42.
- David R. Howarth, Aletta J. Norval, Yannis Stavrakakis. (2009). *Discourse theory and political analysis. Identities, hegemonies and social change*. Manchester: Manchester University Press.
- Leite Jr., J. (2012). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. Em *Cuadernos Pagu*, Nº 38, pp.99-128. En línea: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100004&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Pérez, G. y Salazar, M. (2007). *La pobreza en Cartagena: un análisis por barrio*. Cartagena, Colombia: Banco de la República.
- Thompson, E.P. (1984). *Tradición, revuelta y conciencia de clase. Estudio sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editora Crítica.
- Wodak, R. & Meyer, M. (eds.) (2001). *Methods for Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications.

## FONTES DE INFORMAÇÃO

- Alberti Rodríguez, S. (21 de septiembre 2012). Pandillas, una lucha sin sentido. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/pandillas-una-lucha-sin-sentido-91524>
- Cardona, A. (16 de febrero de 2012). Pandillas azotan a otro colegio, ahora en El Pozón. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/pandillas-azotan-otro-colegio-ahora-en-el-pozon-65115>
- Cardona, A. (3 de septiembre 2013). Habitantes del Nazareno marchan contra pandillas. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/habitantes-del-nazareno-marchan-contrapandillas-89601>
- De la Cruz Pallares, A. (17 de diciembre de 2012). Pandillas: las fronteras invisibles de Cartagena. *El Universal*. En línea: <http://m.eluniversal.com.co/cartagena/local/pandillas-las-fronteras-invisibles-de-cartagena-102187>

- De la Cruz Pallares, A. (7 de enero de 2013). Quiere dejar las pandillas con estudio y trabajo. *El Universal*. En línea: <http://m.eluniversal.com.co/cartagena/local/quiere-dejar-las-pandillas-con-estudio-y-trabajo-104011>
- Gómez Solórzano, E. (15 de mayo 2013). ¡A poner en cintura a las pandillas! *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/poner-en-cintura-las-pandillas-119524>
- Gómez Solórzano, E. (22 de mayo 2014). Con plan piloto, Gobierno quiere desaparecer pandillas. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/con-plan-piloto-gobierno-quiere-desaparecer-pandillas-160297>
- González, I. (22 de mayo de 2014). En Cartagena, 1.600 menores pertenecen a 82 pandillas. *El Heraldo*. En línea: <https://www.elheraldo.co/bolivar/en-cartagena-1600-menores-pertenecen-82-pandillas-153312>
- Meza Altamar, M. (26 abril 2014). Jóvenes en riesgo marcharon en contra de la estigmatización. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/jovenes-en-riesgo-marcharon-en-contra-de-la-estigmatizacion-157927>
- Molina Ramírez, J. (24 de abril 2011). Pelea de pandillas causa muerte de menor en el Viernes Santo. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/pelea-de-pandillas-causa-muerte-de-menor-en-el-viernes-santo-20717>
- Morales Gutiérrez, W. (1 de junio de 2013). Pandillas, un problema de todos. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/pandillas-un-problema-de-todos-121555>
- Otero Brito, E. (14 de junio de 2013). Pandillas en Cartagena reclutan a niños desde los 7 años. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/pandillas-en-cartagena-reclutan-ninos-desde-los-7-anos-123088>
- Redacción Sucesos (10 de septiembre de 2012). Dos asesinatos provocados por pandillas en el barrio Olaya Herrera. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/dos-asesinatos-provocados-por-pandillas-en-el-barrio-olaya-herrera-90414>
- Redacción Sucesos (12 de agosto de 2013). Dos heridos en ataque de pandilla en el sector Central de Olaya Herrera. *El Universal*. En línea: <http://m.eluniversal.com.co/sucesos/dos-heridos-en-ataque-de-pandilla-en-el-sector-central-de-olaya-herrera-130946>
- Redacción Sucesos (14 de noviembre de 2012). Enfrentamiento entre pandillas deja un muerto y dos heridos. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/enfrentamiento-entre-pandillas-deja-un-muerto-y-dos-heridos-98193>

- Redacción Sucesos (19 de noviembre del 2012). Un muerto y dos heridos en enfrentamiento entre pandillas. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/un-muerto-y-dos-heridos-en-enfrentamiento-entre-pandillas-98764>
- Redacción Sucesos (19 de septiembre de 2011). Muere joven atacado por pandillas. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/muere-joven-atacado-por-pandillas-44487>
- Redacción Sucesos (20 de febrero de 2012). Distrito convoca a Iglesia para trabajar política pública sobre pandillas. *El Universal*: En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/distrito-convoca-iglesia-para-trabajar-politica-publica-sobre-pandillas-65752>
- Redacción Sucesos (27 de diciembre de 2012). Pandillas y riñas, principales causas de homicidios en 2012. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/pandillas-y-rinas-principales-causas-de-homicidios-en-2012-103083>
- Redacción Sucesos (28 de mayo de 2013). Un muerto y cuatro heridos deja nueva riña de pandillas. *El Universal* En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/un-muerto-y-cuatro-heridos-deja-nueva-rina-de-pandillas-121009>
- Redacción Sucesos (7 de octubre de 2011). Pandillas no dan tregua: otro muerto. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/sucesos/pandillas-no-dan-tregua-otro-muerto-47404>
- Sánchez Gómez, J. (3 de septiembre de 2012). ¿Quién responde por los daños que deja la guerra entre pandillas? *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/quien-responde-por-los-danos-que-deja-la-guerra-entre-pandillas-89623>
- Therán Tom, A. (21 de febrero 2012). Distrito crea una gerencia para el tema de pandillas. *El Universal*. En línea: <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/local/distrito-crea-una-gerencia-para-el-tema-de-pandillas-65788>

IDENTIFICACIÓN DEL AUTOR

**Williams Álvarez** es graduado en Sociología por la Universidad del Atlántico (Colombia), Maestría en Antropología por la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), sede Quito, Ecuador. Candidato a PhD en Sociología por la Universidad Federal de São Carlos (UFSCAR), estado de São Paulo, Brasil. Integrante del grupo de investigación: Na Margem: Núcleo de Pesquisas Urbanas, radicado en el Departamento de Sociología de la UFSCAR y vinculado al Centro de Estudos da Metrópole (CEM) y al Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Álvarez, Williams (2017). Análise sobre os discursos de violência nas periferias urbanas de Cartagena (Colômbia) no jornal El Universal 2009-2014. Uma pornografia da violência? *In Mediaciones de la Comunicación*, 12(1), 261-283.